

O AUTO DA COMPADECIDA: ENTRE O TEATRO A TV E O CINEMA.

Jesuíno Aparecido Andrade

Falar do filme o Auto da Compadecida é falar de uma extraordinária obra escrita por Ariano Suassuna em 1955, originalmente para ser peça de teatro. De lá para cá várias adaptações já foram feitas. Neste texto, destacarei, no entanto, com ênfase, o trabalho de Guel Arraes feito para a televisão e, devido ao enorme sucesso, transporto para o cinema.

O Auto da Compadecida mostra como cenário o Nordeste e tem como personagens principais os amigos trapaceiros João Grilo e Chicó, que vivem em Cabaceiras, interior da Paraíba. Percebe-se claramente um estereótipo das pequenas cidades nordestinas: Paupérrima, pacata, seca, com um coronel e uma igreja.

A comparação da minissérie com o filme mostra as diferenças entre a linguagem da televisão e a do cinema. Os diálogos e a representação dos atores utilizam bastante as imagens de primeiro plano e os closes, além disso, o ritmo acelerado é uma influência clara da linguagem televisiva e não do cinema; no que se refere ao aspecto técnico, a qualidade do filme ficou um pouco comprometida. Outro ponto a ser questionado no trabalho de transposição da televisão para o cinema é a montagem, várias cenas tiveram que ser cortadas e alguns deslizes foram cometidos, um exemplo é a cena em que o cangaceiro aprisiona o padre e o bispo na igreja, depois sai, para pegar o padeiro e a esposa, a próxima cena já mostra os quatro no interior da igreja. Será que nesse espaço de tempo, o padre e o bispo não poderiam ter fugido?

Analisando outros aspectos do filme podemos perceber que cada personagem representa, a partir do riso ingênuo, um grupo social que de certa forma é ridicularizado.

O padre e o bispo só pensam em dinheiro, se submetem até ao vexame de fazer o enterro de uma cachorra, percebe-se uma crítica ao poder que a igreja católica sempre possuiu. O dono da padaria e sua esposa são os pequenos burgueses que exploram seus empregados. O marido é comandado pela esposa que o trai com vários outros homens. A pequena burguesia é a prova do jogo de aparências que existe na sociedade. Há também a aristocracia decadente, representada pelo fazendeiro que quer casar a filha para garantir o futuro da família, seus costumes antigos e sua forma de agir mostra bem isso. Deve-se observar também o cabo da polícia e o valentão que são no fundo dois desesperados, retratados como solitários e imbecis e acima de tudo, como covardes. O cangaceiro é outro personagem que merece destaque, o mesmo é desmistificado em sua bravura. Primeiro ele se mostra esperto disfarçando-se de mendigo para observar os costumes da região, mas depois cai no golpe de João Grilo, mostrando então sua imbecilidade.

A maior qualidade do filme é o humanismo mostrado por ele, isso aparece bem na figura de João Grilo, ele é retratado como um símbolo brasileiro: O malandro pobre e de bom coração. Ele finge de tonto para sobreviver, mas nunca abre mão de sua liberdade.

O humor rasgado da obra questiona as regras da sociedade, faz uma crítica ao materialismo; o tom social fica claro em uma das cenas finais em que Nossa Senhora lembra que João Grilo é um pobre como tantos outros no Brasil.

Apesar dos problemas técnicos já citados devido à transposição da obra da “telinha para a telona”, o filme sem dúvida é, e continuará sendo um retrato fiel do nosso país, principalmente do Nordeste. Pode-se considerar então, o mesmo, como uma obra prima.

O Auto da Compadecida

www.portuguesdobrasil.net 3

Referência Audiovisual

Arraes, Guel. O Auto da Compadecida. Globo Vídeo. 1999. Duração 120 minutos.